

Você tem medo de que? Evolução Biológica, Medo e Sociedade

Rojas, Nilda Maria Diniz

Professora Adjunta do Departamento de Genética –
Universidade de Brasília - (DF) - Brasil ,

Diniz, Nilza Maria

Professora Associada do Departamento de Biologia da
Universidade Estadual de Londrina -UEL - (PR) - Brasil ,
nzdiniz@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Fobia, medo, Evolução Biológica, Democracia e Soberaníssimos, Alteridade.

As emoções são formas de expressão resultantes da interação com o mundo, e segundo Darwin (1872), teriam evoluído e se fixado por serem adaptativas, (vantajosas). Expressões faciais humanas são capazes de expressar as emoções, e seis delas foram consideradas inatas, as emoções básicas Alegria, Medo, Nojo, Raiva, Surpresa e Tristeza. Medo é uma destas emoções, cujas expressões facial e comportamental revelam que é uma experiência complexa, subjetiva, resultante de mudanças biológicas e fisiológico-comportamentais provocadas pela presença de algo que a provoca. Interações e sentimentos cotidianos, ameaças concretas e pensamentos imaginários ativam o sistema nervoso central resultando nos comportamentos que propiciam melhor interação com o ambiente. O medo tem função biológica, é adaptativo, pode aumentar as chances de sobrevivência a inimigos (predadores ou competidores, por exemplo). O agente seletivo, neste caso, não é a temperatura, a umidade ou a pressão do ambiente, mas o outro, que pode ser de outra espécie, no caso da predação, ou da mesma espécie, um competidor por mesmo recurso, o outro pode ser o agente de estresse ambiental, a ameaça. O processo é mediado pelo sistema nervoso central em animais, que permite a interação e entendimento do ambiente externo. Esse sistema começou a sua evolução há 600 milhões de anos, aproximadamente. Ambientes e nichos cada vez mais complexo, levaram a uma sofisticação do sistema, em primatas em especial, e em humanos de forma determinante à sua sobrevivência. O medo é um sentimento induzido pelo perigo ou ameaça concretamente perceptível, ou imaginária, que gera comportamentos tais como fugir, esconder-se, agredir, ou congelar diante da percepção de eventos traumáticos (ameaçadores). Existe o medo inato - genético, e resultante de marcações epigenéticas por estresse ambiental, e também entra a categoria medo aprendido por observação, e o medo imaginário. Algumas vezes o inimigo é real, em outras ele é imaginário e pertence à nossa própria espécie. Quando ocorre antecipação do medo o resultado é a Ansiedade que pode gerar excesso de sofrimento, por outro lado o medo em excesso é a Fobia que leva a comportamentos socialmente

inadequados; Estamos reproduzindo o modelo de medo em nossas sociedades atuais (mesmo que longe das situações ancestrais). Vivemos em um momento de incertezas e a polarização da sociedade brasileira evidencia a possível existência de um perigo, e o perigo é o Outro. Ambas as partes temem o outro, aquele que tem valores diferentes. O reconhecimento do outro como o inimigo, o predador ou o competidor, gera o medo. A fobia, a nosso ver, poderia exacerbar a intolerância (a partir de comportamentos agressivos), especialmente em relação a questões morais complexas relacionadas à diversidade de credo, gênero e etnia, e mais recentemente em relação às percepções/concepções diferentes sobre a democracia(liberdades) e/ou soberanismo (proteção) e serão discutidas na perspectiva da ética da alteridade de Levinás, percepção do Outro com empatia e não com medo.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos à Universidade Brasília (UnB)-DF e à Universidade Estadual de Londrina (UEL)-PR.

REFERÊNCIAS

- [1] C. Darwin, John Murray, Albemarle Street (1872).
- [2] E. LEVINAS, Vozes, 1997. *Apud* F.R. Schramm & M. Braz (organizadores). Editora Fiocruz; 2005. 276 pp. ISBN: 85-89697-02-9”
- [3] F. R. Schramm, Revista - Centro Universitário São Camilo **4** (2):189-197 (2010).
- [4] M. Sheehan, J. Med. Ethics. **42**, 01 (2016).